

A COMPANHIA DE JESUS, DA ORIGEM AO OCASO. Claire Cristiane Batista da Silva. Orientadora: Rita Filomena Andrade Januário Bettini. Educação – Pedagogia – Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP - Campus de Presidente Prudente.

A intenção desta pesquisa era, inicialmente, identificar qual o motivo que teria conduzido a Companhia de Jesus à supressão. Para tanto, foi realizada a análise da fundação e do percurso da Companhia de Jesus e de seus Colégios. Inicialmente, a hipótese central que norteava esta pesquisa era a idéia de que a Ratio Studiorum poderia ter sido a responsável pela posterior supressão desse Movimento. Sendo que, a partir da fundação de inúmeros Colégios e de sua expansão por quase todo o mundo a Companhia de Jesus obteve notável êxito junto à sociedade da época através de seu método de ensino. Mais tarde, entretanto, com a propagação dos valores próprios do Renascimento e do Humanismo e pelos constantes ataques que a escolástica vinha sofrendo por parte de alguns intelectuais a Ratio começou a ser acusada de obscurantismo na era do Iluminismo. Diante do exposto houve a necessidade de reconsiderar a hipótese inicial. Entretanto, se por um lado a Ratio Studiorum tornou-se um método de ensino obsoleto para as aspirações da época, a Companhia de Jesus não deixou de enfrentar outras dificuldades de diferentes ordens, tais como: problemas de relacionamento entre a Companhia e as autoridades imperiais na Ásia e nas Américas; conflitos internos e com membros de outras Ordens Religiosas; momentos tensos e de desconfiança e antagonismo entre a Companhia e o Vaticano; rumores de luxúria e imoralidade entre os padres jesuítas; além de conflitos de interesses políticos e mercantis com o Vaticano e, especialmente, com a Coroa Portuguesa. Sendo assim, o objetivo deste estudo tornou-se compreender como era o contexto sócio-político-econômico-cultural de Portugal na época das reformas pombalinas e, qual seria a possível interseção entre os interesses mercantis portugueses e a reforma educacional que o Marquês de Pombal efetivou no Brasil. É relevante ressaltar ainda que foi dentro desse contexto que o conceito de educação laica é introduzido no País pela primeira vez. Recorri durante este estudo à análise de amplo repertório bibliográfico de obras com referência direta e indireta ao tema, a leituras complementares e a livros de metodologia, bem como a artigos publicados em revistas especializadas. O método de análise que embasou o estudo foi a Análise Temática e algumas das categorias de análise da Nova História.

Iñigo Lopez de Loiola nasceu em 1491 na Espanha e em 1517 ingressou no serviço militar. Quatro anos depois, ao enfrentar tropas francesas, foi ferido na perna por um tiro de canhão. De regresso a casa, enquanto se recuperava, Loiola lera a “Vida de Cristo” e a “Lenda Dourada”¹ – e é nesse momento que se inicia a extraordinária conversão no futuro santo.

Em 1537, Loiola e seus companheiros: Francisco Xavier, Nicolau de Bombadilha, Diogo Láínez, Afonso Salmerón, Simão Rodrigues e Pedro Fabro foram para Roma e, com a permissão do Papa Paulo III, começaram a fazer obras de caridade.

Em 27 de setembro de 1540 o Papa Paulo III aprova a constituição da nova Ordem, denominada de Companhia de Jesus, com apenas 10 membros.

Desde o início da instituição da Companhia, Loiola e seus companheiros não estavam especialmente interessados em liderar o processo de oposição da Igreja contra o Movimento de Reforma, entretanto, a Companhia de Jesus não deixou de ser um importantíssimo instrumento na luta da Igreja contra o Movimento de Reforma e, em seminários por toda a Europa, formava padres destinados a carreiras nas linhas de frente da Contra-Reforma, sendo o seu dever opor-se veementemente à doutrina herética protestante e extirpá-la das almas contaminadas, curando-as.

¹. Na Idade Média, o frade dominicano Jacques de Voragine (1228 – 1298 - posteriormente Arcebispo de Gênova) escreveu uma obra onde narrava a trajetória e vida de 180 santos mais conhecidos até sua época. Seu objetivo era oferecer ao clero uma leitura acessível que inspirasse as pregações, apresentando exemplos de vida santa. Seu resultado foi espetacular, pois em alguns anos tornou-se para a Cristandade, obra tão importante quanto a Bíblia.

Concomitantemente, ao movimento de Contra-Reforma, inicia-se na Península Ibérica a expansão marítima e a conquista de novas terras, da qual a Igreja iria participar, principalmente, por intermédio da Companhia de Jesus.

As missões jesuítas alcançaram inúmeros lugares e, aonde chegaram os padres da Companhia, suas presenças influenciaram de modo decisivo, não apenas enquanto evangelistas, teólogos ou intermediários eclesiásticos; tinham o talento de ascender sobre reis, imperadores e proporcionar instrução a homens tão diversos como Joyce, Hitchcock, Castro e Voltaire.

Entretanto, as missões jesuíticas de maior vultuosidade foram as que alcançaram Goa e o Brasil, ambas colônias de Portugal.

No Brasil, os jesuítas desembarcaram em 1549, chefiados pelo padre Manuel da Nóbrega e na companhia do primeiro governador-geral português, Tomé de Sousa. A missão dos jesuítas era cristianizar os indígenas através da catequização, e assim, tentar salvar o maior número possível de almas. Os jesuítas eram movidos por princípios internos: partiam da visão medieval de que Deus era verdadeiro, único e absoluto e por isso a fé n'Ele deveria ser estendida e sustentada.

Contudo, faz-se necessário salientar que, o projeto missionário desenvolvido pelos jesuítas junto aos indígenas e a história da colonização brasileira, apresentaram-se estritamente vinculados ao desenvolvimento mercantil da Europa no século XVI. A economia, a forma de organização social, as estruturas e as atividades estavam inteiramente voltadas aos interesses do comércio europeu, mais especificamente, aos interesses portugueses.

E, para além da instrução oferecida aos indígenas através da catequização, a educação também foi considerada como importante meio de evangelização e aculturação e assim, os Colégios da Companhia passaram a formar alunos que se tornaram obreiros de Deus, adentrando nas cidades, nas aldeias, catequizando, ordenando sacramentos, confrarias e congregações, praticando obras de misericórdia e visitas a presos e doentes.

Os colégios jesuíticos foram destaque máximo na luta da Igreja contra o Protestantismo. Além da formação de futuros padres jesuítas, os Colégios também se dedicavam à formação das classes dirigentes.

O primeiro Colégio da Companhia de Jesus foi aberto em agosto de 1548, optando neste momento pelo "*Modus Parisiensis*"; o exemplo de Messina foi contagioso e em 1549 a cidade de Palermo dirigia um apelo a Inácio solicitando a instituição de um Colégio. Com pequenas modificações, o método adotado continuava a ser o "*Modus Parisiensis*".

Em princípios de 1551, graças a uma doação de Francisco de Borja, então duque de Gandia, o Colégio Romano é fundado, e, apesar de algumas oposições de autoridades italianas que preferiam que o programa de ensino fosse o "*Modus Italicus*", o "*Modus Parisiensis*" ainda continuava a ser, manifestamente preferido por Loiola.

Pouco tempo depois, os Colégios da Companhia estavam espalhados por quase todo o mundo, e, em 1586 já havia um total de 162 Colégios, sendo 147 deles fora da Europa.

Em 1750, poucos anos antes da sua supressão (1773) pelo papa Clemente XIV, a Companhia dirigia 578 colégios e 150 seminários, ao todo, 728 casas de ensino.

Somente no final do século XVI a Ratio Studiorum passa a regulamentar rigorosamente todo o sistema pedagógico jesuítico: os horários, os programas, a organização e a disciplina.

A Ratio é um documento de trinta capítulos que retomou e reelaborou as considerações pedagógicas contidas nas Constituições da Companhia de Jesus, a disciplina foi a sua principal preocupação, pois assim como na Companhia, nos Colégios a ordem também deveria ser intensa, contudo, suave para com os alunos, pois o método de ensino advertia que o apelo à honra e a emulação tinham precedência aos castigos físicos.

Por volta de 1517 o movimento humanista do Renascimento começou a tomar corpo em alguns Colégios da Universidade de Paris e o interesse pelos valores greco-romanos não deixou de influenciar, de certa forma, os jesuítas. Na prolongada elaboração e na redação final da Ratio estão presentes traços da influência clássica. Entretanto, faz-se mister salientar que a influência clássica abrangeu somente o ensino das humanidades; contudo, o estudo da filosofia e da teologia continuou de acordo com a tradição escolar

da Idade Média. O período de elaboração até a ratificação final da Ratio Studiorum durou 51 anos (1548-1599).

Dentro deste contexto (século XVI), época da fundação dos primeiros colégios jesuítas, alguns filósofos renascentistas, dentre eles Montaigne, Erasmo de Roterdã e Rabelais se opuseram fortemente ao regime educacional escolástico.

O principal motivo de oposição ao sistema escolástico baseia-se em razões do método e da lógica. O Renascimento enfatizava a extrema importância existente no ensino da língua materna, tanto quanto o aprendizado das línguas mortas. Essa nova metodologia oscila entre a sátira e o riso às instituições da época, especialmente à Igreja. É uma forma de educar através da imaginação, é a utopia de uma nova humanidade, mais livre, acessível ao prazer e à aventura. Busca recuperar a cultura popular, faz paródias, valoriza o corpo e as suas necessidades, enfatiza o grotesco e dá espaço à manifestação da linguagem corporal.

Diante do exposto há a possibilidade de vincular a supressão da Companhia de Jesus ao Movimento Renascentista e ao Iluminismo, contudo, essa

[...] tendência em creditar ao Iluminismo a dissolução da Companhia, este não o fez. Em primeiro lugar porque o Iluminismo francês não representava a totalidade do pensamento e cultura do século XVIII. Os filósofos podiam derramar quantidades indivisíveis de tinta, podiam ter cabeças coroadas como correspondentes, mas nada disso servia de meio para destruir um dos pilares da Igreja Católica Romana. Em segundo lugar, porque a supressão, por mais que satisfizesse os enciclopedistas, por mais que a campanha intelectual de boatos deles a tornasse mais agradável, tinha, sobretudo, a ver com a política. (WRIGHT, 2005, p. 237)

Uma visão um pouco mais detalhada sobre esse Movimento de Ilustração indica-nos semelhanças entre ele e a Companhia: ambos apresentam uma visão otimista na capacidade humana; enfatizam o livre-arbítrio humano e possuem fé inabalável no poder transformador da educação.

O século XVIII foi um período marcado pelo predomínio da racionalidade sobre a fé, e, conseqüentemente, pela ênfase dada à luta pela separação entre Igreja e Estado. E, tal mudança de concepções não poderia deixar de influenciar a educação.

O Marquês de Pombal, como é conhecido Sebastião José de Carvalho e Melo, estadista português, destacou-se pela atuação como déspota esclarecido durante o governo de dom José I. Durante sua gestão, fortaleceu o monopólio comercial e equilibrou a balança comercial portuguesa, reconstruiu Lisboa, destruída pelo terremoto de 1755 e transformou a capital em uma cidade moderna. Com o argumento de que os jesuítas se opunham às suas reformas educacionais, os expulsou de Portugal e de suas Colônias. Ele é ainda, o principal responsável pela abertura de Portugal ao Iluminismo. O intuito de Pombal através da reforma educativa era o de padronizar o currículo, laicizar o ensino e trazer a educação para o controle do Estado.

Contudo, apesar da ênfase dada ao aspecto educativo, a “época pombalina” pode ser representada, ainda, como mercantilista e ilustrada, pois, influenciado por idéias iluministas que fervilhavam pela Europa no século XVIII, o Marquês de Pombal adere aos ideais racionalistas e realiza no Brasil várias reformas; além das educacionais, ele estimula o desenvolvimento da economia, procura fortalecer a igualdade civil, uniformizar a administração pública e introduzir a separação dos poderes judiciário e executivo, todas visando o desenvolvimento do Estado português. O desdobramento dos fatos evidencia que, as reformas pombalinas foram para além de modificações no setor educacional, foram, fundamentalmente, mercantilistas e fiscais.

O receio que o Marquês de Pombal nutria em relação a Companhia de Jesus não pode ser considerado infundado se observarmos que a Companhia tornava-se um braço da Igreja cada vez mais poderoso e, se seus Colégios, espalhados por inúmeros países, já não alcançavam no século XVIII o prestígio de outrora, no Brasil, o Movimento fortalecia-se, os jesuítas administravam vasta extensão territorial, dentre elas, o Maranhão e Grão-Pará, locais onde o *nheengatu* era dialeto especialmente valorizado pelos missionários no processo de catequização e aculturação dos indígenas, e, onde o Marquês

de Pombal introduziu, com prioridade, o ensino da língua portuguesa após a expulsão dos padres da Companhia de Jesus; os jesuítas também detinham um considerável poder econômico, visto que, não dependiam da colaboração da Coroa portuguesa para manutenção de seus colégios ou para outras atividades missionárias desenvolvidas no Brasil.

Em *Colonização e Catequese*, após 25 anos, Paiva (2004) faz duas considerações importantíssimas a respeito da Companhia de Jesus:

- a Companhia foi fundada em uma época de espírito mercantilista;
- esse Movimento agiu desde sua origem de modo mercantil.

Agir mercantilmente é tomar como modelo das relações sociais as relações pautadas sobre compra e venda. Agir mercantilmente é estar em aberto - para, sempre no pressuposto de convencer o outro a “comprar” o que se lhe passa, tocando-o pois em sua sensibilidade. (PAIVA, 2004, p.35)

Evidencia-se que a crise na Companhia de Jesus transpassou o aspecto educativo, pois, mesmo após os Jesuítas terem sido expulsos de Portugal e de suas colônias, em 1759, pelo Marquês de Pombal, a *Ratio Studiorum* permaneceu vigorando nos Colégios da Europa, até a supressão da Companhia em 1773, pelo Papa Clemente XIV.

Entretanto, além das dificuldades que a Companhia de Jesus enfrentou na área educacional havia outros problemas que permeavam o Movimento, a Companhia enfrentava hostilidade de outras Ordens Religiosas que se ressentiam com um Movimento que se retratava alegremente a si mesmo como a melhor esperança da Igreja na batalha contra o Protestantismo. Tinha que administrar ainda, conflitos internos, ou seja, “As rivalidades nacionais – jesuítas espanhóis contra jesuítas portugueses, contra jesuítas italianos, contra jesuítas franceses, jesuítas nascidos nas colônias contra jesuítas da Europa [...]” (WRIGHT, 2005, p.70).

A hipótese de que a *Ratio Studiorum* teria sido a responsável pela expulsão e posteriormente pela supressão da Companhia de Jesus se desconstrói a partir do entendimento de que outros aspectos também apresentaram-se como significativamente importantes no processo de supressão da Companhia.

As constantes crises entre a Companhia de Jesus e a própria Igreja, as divergências entre os jesuítas de diferentes nacionalidades e o aspecto mercantilista e fiscal presentes nas reformas pombalinas conduzem a uma segunda hipótese: a supressão da Companhia pode ter sido uma trama de relações complexas, que não pode ser entendida simplesmente pela inviabilidade atribuída a um método de ensino. Talvez a indicação para a resposta sobre o ocaso da Companhia de Jesus esteja em sua própria gênese.

Referências Bibliográficas

PAIVA, José Maria de. **Colonização e Catequese, após 25 anos**. Mimeo, 2004

WRIGHT, Jonathan. **Os Jesuítas, missões, mitos e histórias**. Portugal, Quetzal Editores/ Bertrand Editora, Lda, 2004.

Bibliografia Teórica de Apoio

BLOCH, Marc L. Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**/ Marc Bloch; prefácio, Jacques Le Golf; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAXELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo**, Rio de Janeiro – RJ, Editora Paz e Terra, 1996.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e Catequese, 1549-1600**, São Paulo – SP, Editora Cortez, 1982.